

A IDENTIDADE CULTURAL E A IDEIA DE DESLOCAMENTO PELA
PERSPECTIVA DA VIAGEM: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE
MACUNAÍMA E *A JANGADA DE PEDRA*

Dra. CINTHIA MARITZ DOS SANTOS FERRAZ MACHADO
Doutora pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil
(cinthiaferraz@yahoo.com.br)

Dra. LUCIMARA DE ANDRADE
Universidade Federal da Paraíba
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
João Pessoa, Paraíba, Brasil
(ludeanbr@yahoo.com.br)

RESUMO: Este artigo é um estudo de cunho comparatista acerca das obras *A jangada de pedra*, de José Saramago, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, sob a ótica da “experiência de viagem”. A “viagem”, tomada pela perspectiva de Álvaro Manuel Machado (1988), revela-se um importante elemento para o estudo da identidade e do sujeito porque elenca uma série de problemas literários, históricos e culturais que permitem ao investigador o levantamento de questões culturais nas literaturas de língua portuguesa. Nesse sentido, o viajante é narrador, ator e experimentador, ao mesmo tempo em que é o próprio objeto, resultado da experiência; memorialista de seus efeitos e dos seus gestos, herói; testemunha; contador; ou como pontua Machado (1988), um “grande efabulador”.

Palavras-chave: Identidade cultural. Experiência de viagem. Estudos comparados. *A jangada de pedra*. *Macunaíma*.

Artigo recebido em: 24 maio 2020.
Aceito em: 27 jun. 2020.

CULTURAL IDENTITY AND THE IDEA OF DISPLACEMENT FROM THE
TRAVEL PERSPECTIVE: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN
MACUNAÍMA AND *A JANGADA DE PEDRA*

ABSTRACT: This paper is a comparative study about the literary works *A jangada de pedra*, by José Saramago, and *Macunaíma*, by Mário de Andrade, from the perspective of travel experience. The “travel”, seen from the perspective of Álvaro Manuel Machado (1988), provides an important element for the study of identity and the subject because it lists a series of literary, historical and cultural problems that allow the researcher to raise cultural issues in Portuguese language literature. In this sense, the traveler is a narrator, actor and experimenter, at the same time that he is the object itself, the result of experience; memorialist of his effects and gestures, hero; witness; story teller; or as Machado (1988) points out, a “great effabulator”.

Keywords: Cultural identity. Travel experience. Comparative studies. *A jangada de pedra*. *Macunaíma*.

INTRODUÇÃO

Comparar se apresenta como um caminho importante para compreendermos algumas questões literárias como a da identidade cultural. Tanto em *Macunaíma*, como em *A jangada de pedra*, ambos romances de língua portuguesa, mas de nacionalidades e temporalidades distintas, são evocadas questões de identidade e, ao mesmo tempo, de redimensionamento do mundo pela perspectiva da experiência de viagem. Logo, há correspondências entre os enredos e vários são os elementos que explicitam estes fatos, como aprofundaremos a seu tempo. Apesar disso, as obras-primas de Mário de Andrade e de José Saramago são singulares.

Para que possamos entender essa singularidade, iremos nos valer de uma brevíssima, mas necessária análise do comparatismo hoje, de suas novas reconfigurações e tendências ao longo do tempo e de sua aproximação, cada vez maior, com questões de identidade nacional e cultural. Essa abordagem contextualizadora do processo metodológico de análise dos textos que aqui se pretende também nos levará a sinalizar para práticas a serem verificadas no

MACHADO, Cinthia Maritz dos Santos Ferraz; ANDRADE, Lucimara de. A identidade cultural e a ideia de deslocamento pela perspectiva da viagem: um estudo comparado entre *Macunaíma* e *A jangada de pedra*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 118-138.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 jul. 2020.

processo de construção do *corpus* literário em estudo. Assim, o comparatismo irá compor o conjunto de lentes pelas quais leremos aqui alguns processos de construção do texto e por isso merece algum espaço.

Embora já fossem realizados no Brasil estudos comparados desde os anos de 1950 e 60 e o assunto já compusesse alguns debates de ordem teórico-crítica, foi somente a partir dos anos 70 que se pode afirmar que a Literatura Comparada adquiriu estatuto de disciplina no solo brasileiro, coincidindo com as transformações por que passava no cenário internacional, depois de uma longa predominância de perspectiva formalista norte-americana.

Conforme Wellek (1994), historicamente propensa à universalização, a Literatura Comparada encontrava-se em meio à crença das velhas certezas do século XIX, momento em que, por exemplo, acreditava-se no acúmulo de fatos em direção à construção de uma espécie de “grande pirâmide do conhecimento”. Então, baseado no modelo ocidental de cultura, o comparatismo esteve restringido, por certo tempo, a um conceito de “comércio exterior” entre fontes e influências, semelhanças e dessemelhanças, bastante infeliz e que rendeu amplas discussões.

Esse pensamento entendia que a literatura não passava de um conjunto de fragmentos ou conhecimentos isolados que configurava uma rede de relações, constantemente interrompidas ou separadas, na medida dos significados que produzia ou a partir do qual era produzido. Ou seja, as demais literaturas adquiriam sentido quando pesadas e somadas as diferenças entre “fonte” e “influência”. Quando entendida como “comércio exterior” entre literaturas, de acordo com René Wellek (1994), o estudo da literatura limitava-se a uma preocupação com as aparências, com escritores e literaturas secundárias, traduções, empréstimos, ou seja: preocupava-se, enquanto uma subdisciplina, com fontes estrangeiras e reputações de escritores.

Carré e Guyard, críticos e teóricos franceses, tentaram ampliar o espectro da Literatura Comparada incluindo em seu aparato o estudo das “ilusões nacionais”, isto é, as ideias mais ou menos pré-estabelecidas que as nações possuem umas das outras. Essa “ampliação” da Literatura Comparada, no entanto, implicou, de acordo com Wellek, apenas no reconhecimento da infertilidade do seu então objeto de estudo, que levaria à dissolução do estudo literário em psicologia social e história cultural das nações.

Nesse sentido, era preciso, pois, entender que as “obras de arte, no entanto, não são simples somatórios de fontes e influências; são conjuntos em que a matéria prima vinda de outro lugar deixa de ser matéria inerte e passa a ser assimilada em uma nova estrutura” (WELLEK, 1994, p. 111). A fragmentação em tráfico de fontes e influências de conjuntos de sentidos concebidos na imaginação livre atentava contra a integridade da obra e violava o seu significado. Portanto, devia ser repensada e evitada.

MACHADO, Cinthia Maritz dos Santos Ferraz; ANDRADE, Lucimara de. A identidade cultural e a ideia de deslocamento pela perspectiva da viagem: um estudo comparado entre *Macunaima* e *A jagada de pedra*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 118-138.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 jul. 2020.

É essa a orientação metodológica que pretendemos empregar sobre os textos mencionados, *Macunaíma*, de Andrade, e *A jangada de pedra*, de Saramago, ou seja, o exercício da leitura comparatista, observando não somente a relação de semelhanças ou continuidades, mas o elemento de perspectiva em foco que se projeta em direção às questões de identidade cultural.

Assim, marcada inicialmente por perspectivas de teor historicista e configurada por uma ótica formalista e também etnocêntrica (quando pensamos o critério nacional/cultural de literatura), a Literatura Comparada atravessou o seu primeiro século de existência com bastantes debates e poucas mudanças efetivas (COUTINHO, 1996; 2000).

Para Coutinho, o resultado inevitável dessas pretensões foi a supervalorização de um dado sistema e a identificação deste com o universal. O autor destaca que a ideia de abordar literatura por um viés universalizante e, por isso, apolítico, faz somente “camuflar uma atitude prepotente de reafirmação da supremacia de um sistema sobre os demais” (COUTINHO, 2000, p. 10).

Esse questionamento à proposta de uma “república mundial das letras” e a desmitificação da proposta de apoliticização se tornaram a vertente da Literatura Comparada das últimas décadas no Brasil, transformando um discurso outrora “coeso e unânime” para outro mais plural e descentrado, verdadeiramente consciente das diferenças que compõem cada *corpus* literário partícipe do processo de comparação (COUTINHO, 1996; 2000).

Nesse sentido, percebemos que, no desenvolver dos estudos literários comparatistas ocorreu, de acordo com Machado (1988), uma “tomada de consciência iniciática de uma dimensão irreduzível de toda atividade intelectual: a troca, o intercâmbio, o contato com o estrangeiro, mas também com o diverso e com o plural” (MACHADO, 1988, p. 31). Essa dimensão é, quase sempre, um elemento revelador de questões identitárias, uma vez que o estudo do estrangeiro, ainda que em mesma língua, como o caso da obra do português José Saramago, ou das estranhezas, junto ao estudo da obra brasileira de Mário de Andrade, se configura como possibilidade de releitura e diálogo das literaturas em foco.

Tendo em vista tais perspectivas de estudos literários, buscamos tratar da *experiência de viagem*, promovida pela ideia do deslocamento, e seus desdobramentos identitários presentes nas obras em questão. A justificativa da escolha dessa temática decorre de observações tangentes à recepção crítica das obras, que, conforme alguns estudiosos, como Silviano Santiago (1996) e Samira Botelho (2012), ainda apresenta particularidades e incipiências. De acordo com Santiago (1996), a crítica sobre *Macunaíma*, a despeito das dúvidas iniciais de filiação do romance ao movimento antropofágico, obteve um salto qualitativo nos finais do século XX em diante. Para o autor, as dificuldades encontradas pela obra para se legitimar entre os leitores foram grandes, se consideramos que a primeira

fase do Modernismo brasileiro perdurou, por algum tempo, em um “ostracismo”, sendo somente enfocada a partir da geração de 1945. Ademais, mediante a característica de experimentalismo, influenciada pelas vanguardas europeias (1912-1922), a recepção foi obscurecida pela falta da dimensão estética ora proposta – algo comum, quando consideramos a ausência de distanciamento temporal para tanto. Até hoje a leitura crítica da obra se apresenta desafiadora para muitos, considerando-se o trabalho com a linguagem proposto por Mário de Andrade. Do mesmo modo, o realismo fantástico de Saramago “assusta” muita gente: as determinações sociais, políticas, ideológicas e culturais presentes em *A jangada de pedra* evocam, conforme Botelho (2012), um discurso historiográfico denso, que possibilita uma reavaliação da identidade portuguesa. Assim como em Mário de Andrade, há em José Saramago uma centralidade na linguagem que desafia críticos e leigos.

A IDEIA DE DESLOCAMENTO EM SEU CARÁTER ALEGÓRICO E A (IN)COMPLETUDE DO SUJEITO

Enquanto experiência ou testemunho, a viagem é uma temática esteticamente complexa, pois é matéria literária que se transveste em prática cultural. O viajante é narrador, ator e experimentador, ao tempo em que é o próprio objeto, resultado da experiência, memorialista de seus efeitos e dos seus gestos, herói, testemunha, contador, e, portanto, “grande efabulador” (MACHADO, 1988, p. 34).

Desta maneira, consonante ao pensamento do estudioso em questão, a perspectiva da experiência de viagem corresponde a “[...] uma adequação do homem ao mundo exterior; [...] a possibilidade de transformar o desconhecido em conhecido e confirmar que o homem, em toda a sua dimensão humana, é o melhor meio de conhecer e interpretar o universo” (MACHADO, 1988, p. 35).

Neste sentido, a viagem como *locus* aparece como desdobramento do sujeito. Esse processo resulta em aprendizagem, já que o coloca frente à apreensão do estranho, do estrangeiro, e em contato direto com a história e a cultura garantidas pelo polissistema textual. É por isso que a viagem não se delinea apenas como representação nos textos de Mário de Andrade e José Saramago. Neles, ela é, antes de tudo, um tema que alimenta o enredo.

Torna-se necessário, a partir daí, sublinhar a ideia de “deslocamento” que os dois textos veiculam, já que estes contemplam uma mesma perspectiva por índices distanciados e díspares: enquanto um observa um Brasil plural, que postula a questão de uma identidade nacional/cultural, o outro faz deslocar toda a Península Ibérica a partir de um desejo de emancipação política.

MACHADO, Cinthia Maritz dos Santos Ferraz; ANDRADE, Lucimara de. A identidade cultural e a ideia de deslocamento pela perspectiva da viagem: um estudo comparado entre *Macunaima* e *A jangada de pedra*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 118-138.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 jul. 2020.

A ideia de deslocamento, inicialmente associada ao aspecto geográfico, possui motivações e implicações diversas. Deslocado, emigrado, exilado, em terra estranha, estranho, estrangeiro são apenas algumas palavras usadas para indicar essas nuances. No texto literário, as referências a esse “sentimento de deslocamento” promovem um leque de representações variadas no que tangenciam as construções identitárias das personagens e, num sentido lato, a constituição da literatura de um país.

Em *História da literatura portuguesa*, os autores Antônio José Saraiva e Óscar Lopes (1969), asseveram que a história da literatura portuguesa é a história da constituição da língua portuguesa através da literatura. Conceber a história da literatura como história da língua literária nos permitiria, então, entender a construção de sua especificidade inserindo-a em um contexto geográfico. Nesse sentido, a literatura lusófona se constituiria a partir de uma cultura e de uma história comum com o continente europeu em um processo de vínculo e diferenciação do mesmo.

Nas palavras de Antônio Cândido (2000) em *Formação da literatura brasileira*, a nossa literatura seria um galho da portuguesa. Se pensarmos que a formação e o desenvolvimento da literatura são parte de um processo histórico, então poderíamos defender a tese de que o que garantiria a especificidade de uma literatura seria o fator língua, acrescido do processo histórico.

Dessa forma, não poderíamos compreender as linhas mestras da literatura brasileira atual sem analisar o obscuro passado colonial. Como esclarece Nelson Werneck Sodré (1964), em *História da literatura brasileira*: “parece verdade, entretanto, que, no caso das literaturas elaboradas pelos povos de origem colonial, importa tanto escrever a história como mostrar o extraordinário esforço consumido para criar uma literatura” (SODRÊ, 1964, p. 10).

Para Douglas Tufano (1983), em *Estudos de literatura brasileira*, a literatura que se começou a fazer no Brasil no século XVI, apesar de escrita por portugueses, já apresenta características que a diferenciavam dos padrões literários lusófonos. O autor esclarece que é importante nos lembrarmos que, inicialmente, a necessidade de adaptação ao Brasil levou os portugueses a um contato mais profundo com a nova terra e, desse processo de integração, resultou uma maneira peculiar de sentir e expressar a nossa realidade. Nesse ínterim, os textos aqui produzidos, tanto pelos cronistas como pelos jesuítas, ainda que marcados pela perspectiva do colonizador, já eram resultado de um choque cultural. Nesse sentido, segundo Tufano (1983), no conjunto das obras escritas no Brasil, desde o século XVI até hoje, podemos notar um progressivo abrasileiramento, que reflete cada vez mais intensamente a busca de uma identidade cultural.

Antes de avançarmos, o conceito de identidade cultural ora evocado necessita ser pautado em perspectiva. Frequentemente usado em vários domínios

das investigações que cerceiam os estudos literários, este conceito evoluiu significativamente ao longo de todo o século XX e demanda que compreendamos a existência de aplicações e ambiguidades. A identidade, segundo Bauman (2005), configura-se para além da compreensão de características próprias de um indivíduo, que o diferenciam dos demais. Ela nasce da crise do pertencimento em comunidade, isto é, local.

Por sua vez, o pertencimento a um espaço ou local elenca elementos culturais que englobam simbologias partilhadas, bem como crenças, valores e história. Nesse ínterim, a noção de identidade perpassa pela definição de cultura, corroborando para o entendimento do sujeito como alguém atravessado por múltiplos aspectos.

Segundo Stuart Hall (2010, p. 8), traçar considerações acerca do conceito de “identidade” é algo demasiado complexo, pois se trata de um termo “muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”, fato que contribui para a ambiguidade das tendências. Para o autor, a ideia de uma identidade plenamente unificada e coerente é fantasiosa, principalmente quando consideramos as mudanças decorrentes da modernidade tardia, em especial as provenientes do processo de globalização (HALL, 2010, p. 13-14). Nesse sentido, centrando-se nas mudanças conceituais pelas quais passaram as ideias de sujeito e identidade da modernidade tardia e da pós-modernidade, Hall (2010) considera que está imbricada ao sujeito a condição de “fragmentado” em termos de sua identificação com o local em que vive, isto é, em termos de identidade nacional. A identidade nacional é, portanto, a perspectiva que orienta as discussões empreendidas neste estudo comparado, relativas ao conceito aqui pautado.

Para Hall (2010, p. 49, grifos do autor), a nação “não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*”. Assim, a nação seria também uma comunidade simbólica, pois “culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações” (HALL, 2020, p. 50). Portanto, para este autor, uma cultura nacional seria um discurso, pois as culturais nacionais, ao produzirem sentido sobre a “nação”, constroem identidades e, nessa perspectiva, a identidade nacional seria uma comunidade imaginada¹.

Após a observação das considerações acima, podemos depreender algumas direções para a nossa discussão. A primeira diz respeito ao fato de a literatura portuguesa se constituir como uma literatura que se insere no paradigma de estar

¹ Referência à reflexão de Benedict Anderson presente na obra *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*.

no continente europeu, mas, ao mesmo tempo, parecer apartado do mesmo. A segunda consideração seria o estigma do “vira-lata”, do não ser legítima, ou seja, de a literatura brasileira ser um galho secundário da portuguesa. Nesse sentido, poderíamos inferir que ambas, cada uma com suas distintas formas de afirmação, buscam reafirmar a sua identidade frente a sua condição de literaturas “deslocadas” do cânone mundial.

Partindo agora para as obras citadas, podemos observar serem instigantes as formas de abordagem da temática do deslocamento. Em *Macunaíma*, por exemplo, a errância geográfica estabelece um paralelo com as contradições do personagem, que assume identidades raciais múltiplas: negro, índio branco. Ao mesmo tempo, projeta-se uma união de todas as raças da constituição da nação brasileira e ressalta-se a singularidade de cada uma delas, pois não são constituídas de forma linear, configurando o personagem central como “herói sem nenhum caráter”.

Em *A jangada de pedra* observamos um fato inusitado: a ruptura da Península Ibérica do continente europeu e seu navegar à deriva pelo Atlântico. O fato de colocar a Península Ibérica, e não só Portugal, se configura como uma crítica, em forma de alegoria, que José Saramago constrói a partir do afastamento da Península Ibérica do continente Europeu. Tal alegoria reacende uma discussão pertinente à literatura contemporânea: o homem deslocado em sua busca pela completude, pela identidade.

Em *Tocata e fuga para o estrangeiro*, Julia Kristeva (1994) fala sobre o “estrangeiro”. De forma poética e fragmentada, Kristeva reflete sobre a condição dos estrangeiros, antes vistos como inimigos, e que, atualmente, nos levam a refletir sobre o aceitar novas formas de alteridade. O ensaio de Kristeva (1994) é composto por pequenos textos, ao estilo benjaminiano, que refletem sobre diversas questões que envolvem o “ser estrangeiro”; o ser transitório. Cada pequeno texto vai esmiuçando de forma crítica e também literária sobre o ser, o se sentir, ou o se tornar estrangeiro.

Em um de seus primeiros fragmentos-texto, a autora fala sobre a “felicidade insolente” do estrangeiro ou a “felicidade do desenraizamento” que lhe proporciona a tão sonhada sensação de liberdade, mas fala também da “felicidade cabisbaixa” que o faz sentir tragado pela memória (KRISTEVA, 1994, p. 12). A expressão “ser estranho à própria mãe” (p. 12-13) ilustra, de forma bastante pertinente, a complexidade dessa identidade. Cheia de provas, de indiferença, de “entre-lugares” e que, no entanto, não é cheia de si, pois sua “segurança oca” não permite (p. 16). Segundo a autora, o estrangeiro não tem um si. O não ser, o não pertencer e o não ter fazem do estrangeiro uma identidade fronteira ou até antigravitacional.

Alguns estrangeiros vivem sob a melancólica imagem do paraíso perdido, já outros se encontram no nomadismo, e, há também, os cosmopolitas. Nostálgicos,

MACHADO, Cinthia Maritz dos Santos Ferraz; ANDRADE, Lucimara de. A identidade cultural e a ideia de deslocamento pela perspectiva da viagem: um estudo comparado entre *Macunaíma* e *A jangada de pedra*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 118-138.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 jul. 2020.

nômades ou cosmopolitas todos anseiam pela liberdade, que muitas vezes, está associada à solidão. Daí surge o que, segundo Kristeva (1994), seria o paradoxo do estrangeiro: querer estar sozinho, porém cercado de cúmplices.

É nessa perspectiva que as narrativas analisadas retratam esses sujeitos deslocados, que em espaços cheios de incerteza, perpassam pela experiência da viagem aspirando à unidade, ou à completude de suas condições enquanto seres incompletos.

A IDEIA DE VIAGEM NA NARRATIVA DE MÁRIO DE ANDRADE

A representação, ou alegoria da constituição da nação brasileira, de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, perpassa por temas folclóricos-populares, mitos e pela ideia de modernidade. A rapsódia, que se passa em uma atmosfera fantástica, apresenta-nos o personagem Macunaíma, que parte em busca da muiraquitã.

Mário de Andrade, ao tomar a experiência de viagem como um viés em *Macunaíma*, coloca em xeque o questionamento do princípio nacional na literatura, destacando a necessidade de novos padrões estéticos, uma vez que a criatividade, o devir do livro ou o saldo criador já se encontravam desgastados. Assim, o artista da palavra extrapola em *Macunaíma* a questão do identitário nacional ao sondar as potências da criação literária num mergulho dentro da própria configuração estética da obra.

A discussão do que é nacional passa, então, para um processo mais amplo e profundo de discussão de identidade cultural, que buscou questionar veementemente as características eurocêntricas que ainda residiam na produtividade brasileira. Para tanto, a “rapsódia” se faz constructo no sentido híbrido de composição com fins congruentes à caracterização de nossa cultura, pondo em destaque a produção literária viabilizada por um ecletismo cultural que não oferece síntese e que sempre se encontra em processo. O texto nasce da absorção – termo, aliás, apropriado ao projeto modernista – da temática *viagem* como matriz alimentícia, que se transforma em renovação estética, de literalidade.

Embora o romance tenha sido a forma que mais obtém adesão pública, a rapsódia, advinda de uma espécie de (con)germinação do gênero romance, portanto, híbrida, com vistas a uma certa produtividade que se quer “original”, conserva, no entanto, a narratividade. Essa fórmula aponta para uma produtividade de extratos mais altos de criação artística e de construção e representação do discurso.

A *viagem* também é, na rapsódia de Mário de Andrade, um pretexto que explora o ser/estar do homem no mundo, e que permite, assim, uma profunda

investigação do indivíduo, atenta, contudo, a uma consciência criadora social. Podemos até mesmo arriscar a se dizer que o autor parece recalcar um desejo artístico pessoal em prol de um interesse coletivo quando argumenta defendendo, “[...] o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência brasileira; estabilização de uma consciência criadora nacional” (ANDRADE, 1942, p. 45).

Tal esforço por parte do artista foi pautado por um cuidado rigoroso ao efetuar um levantamento material que viabilizasse traçar um perfil ou panorama do país, em que houve grande exercício de se justaporem variados elementos culturais na obra a fim de que se chegasse à definição de um elemento comum do patrimônio cultural.

Nem bem seis meses passaram e a Mãe do Mato pariu um filho encarnado. Isso, vieram as famosas mulatas da Bahia, do Recife, do Rio Grande do Norte e da Paraíba, e deram pra Mãe do Mato um laçarote rubro da cor de mal, porque ela agora era mestra do cordão encarnado em todos os Pastoris de Natal. Depois foram-se embora com prazer e alegria, bailando mais que bailando, seguidas de futeboleres águias pequenos xodós seresteiros, toda essa rapaziada dorê. Macunaíma ficou de repouso o mês de preceito porém se recusou a jejuar. O pecurrucho tinha cabeça chata e Macunaíma inda a achatava mais batendo nela todos os dias [...] (ANDRADE, 1987, p. 21)

Podemos dizer, portanto, que a literatura observa as novas relações e aponta para o redimensionamento do sujeito no mundo. Enquanto proposta de revolução social e entrincheirada, a produção literária deste momento que aparece na obra de Mário de Andrade delibera a respeito da diluição e desenraizção das fronteiras do literário pela perspectiva da *viagem*, operante em *Macunaíma* como mecanismo de emancipação do leitor.

Em todos os tempos, a literatura funciona como um termômetro da sociedade, já que aborda temas e substratos sociais em construção. Tanto em *Macunaíma* quanto em *A jangada de pedra*, adiante abordada, ilustram esta questão.

“Ai! que preguiça...!” se faz máxima enquanto esgotamento da noção de tradição para Andrade. Figura que contém todos os avatares possíveis, em síntese simbólica de hibridez cultural e mestiçagem, Macunaíma, o anti-herói, afirma que não veio ao mundo “para ser pedra”, a representar com esta expressão o desejo de romper com limites e convenções. Afinal, a gema, a muiraquitã, enquanto inacabada, representa o processo de escavação das origens na constante desestabilização/mudança/viagem porque passam as relações culturais, econômicas e existenciais entre sujeito e universo.

MACHADO, Cinthia Maritz dos Santos Ferraz; ANDRADE, Lucimara de. A identidade cultural e a ideia de deslocamento pela perspectiva da viagem: um estudo comparado entre *Macunaíma* e *A jangada de pedra*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 118-138.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 jul. 2020.

Macunaíma nasce de mãe virgem, sem pai, ou melhor, tendo como pais os elementos do próprio ambiente geográfico em que nasce, e que o compõem como proposta de nascimento de uma nova cultura. Vei, a Sol, é um elemento determinante nas culturas tropicais, e sempre que mencionada, introduz uma mudança de novo rumo na obra sobre o anti-herói.

Macunaíma é senão um viajante. A obra que leva seu nome se reveste de um trabalho maior com a espacialização: espaços geográficos como cenários artísticos e fases intermediárias, como vemos aqui:

No outro dia Macunaíma pulou cedo na ubá e deu uma chagada até a foz do rio Negro pra deixar a consciência na ilha de Marapatá. Deixou-a bem na ponta de um mandacaru de dez metros, pra não ser comida pelas saúvas. Voltou pro lugar onde os manos esperavam e no pino do dia os três rumaram pra margem esquerda do Sol.

Muitos casos sucederam nessa viagem por caatingas rios corredeiras, gerais, corgos, corredores de tabatinga matos-irgens e milagres do sertão. Macunaíma vinha com os dois manos pra São Paulo. (ANDRADE, 1987, p. 29)

A paisagem é, nesta obra, experiência coletiva ou individual de estar/pertencer a um determinado lugar na medida em que o anti-herói adquire características adequadas ao meio em que se encontra. Nessa incessante *viagem*, de percepção e sondagem do indivíduo e da potência criadora, assim como *Macunaíma* se faz alegoria de um projeto artístico sócio-político, *A jangada de pedra*, de José Saramago, também o faz.

A IDEIA DE VIAGEM NA NARRATIVA DE JOSÉ SARAMAGO

Publicado no ano de 1986, o romance *A jangada de pedra*, de José Saramago, problematiza, pelo viés ficcional, a adesão portuguesa à União Europeia, ao narrar a viagem da Península Ibérica pelo oceano Atlântico, ao contrário da tomada de decisão política. O romance expõe, assim, o paradigma ibérico, ao mesmo tempo pertencente e apartado do continente europeu.

Dentro da perspectiva do viajante, onde o sujeito assume um papel preponderante durante todo o texto, a Península Ibérica assume-se como verdadeiro e principal personagem. Com uma escrita apoiada na oralidade, que pontua uma virada estética de amadurecimento nas suas produções – assim como o foi *Macunaíma* –, o autor trata do problema da colocação de Portugal no contexto mundial.

Nações de navegantes, desbravadores e viajantes, Portugal e Espanha passam a navegar agora, novamente, a deslocarem-se e apartarem-se do velho mundo, criando a proposta de uma nova nação unida agora por um âmbito cultural, expurgando, desta maneira, o sentimento negativo de ex-impérios.

A narrativa de *A jangada de pedra* tem início com uma sequência de fatos estranhos: Joana Carda risca o chão com uma vara de negrilho e os cães de Cerbère, que sempre foram mudos, começam a ladrar; Joaquim Sassa, ao lançar uma pesada pedra ao mar, se vê, por instantes, dono de uma força descomunal, fazendo-a quicar longe; Pedro Orce, de um momento para o outro, começa a sentir o chão tremer sob seus pés; José Anaíço passa a ser seguido por um bando de estorninhos onde quer que vá e Maria Guavaira põe-se a desfilar uma meia e esse desenredamento parece não ter fim.

Partindo desses “enigmas”, a narrativa vai tecendo a história desses homens e mulheres, separados geograficamente, mas ligados por seus feitos. Os fios que tecem a história servem como experiências mediadoras, pois os acontecimentos, embora fantásticos, apontam antes para o mito, pois são acontecimentos extraordinários, inaugurais, a partir dos quais os homens e mulheres irão buscar explicações e também sentido para suas vidas. A fala de Joana Carda resume este sentimento:

Se fui a Lisboa procurá-los, não terá sido tanto por causa dos insólitos a que estão ligados, mas porque os vi como pessoas separadas da lógica aparente do mundo, e assim precisamente eu me sinto, teria sido uma desilusão se não tivessem vindo comigo até aqui, mas vieram, pode ser que alguma coisa ainda tenha sentido, ou volte a tê-lo depois de o ter perdido todo [...] (SARAMAGO, 2006, p. 127)

À guisa de epopeia, os personagens funcionam nesse texto como pano de fundo, aliados a fortes traços místicos que imprimem na obra, junto à surreal separação repentina da Península, um ritmo psicodélico. Pós-moderno ou contemporâneo, o texto saramaguiano respinga a modernista. A obra coteja um realismo fantástico ao ultrapassar meandros do realismo estrito para se emancipar como viagem; como ficção que se impõe:

Quando Joana Carda riscou o chão com a vara de negrilho, todos os cães de Cerbère começaram a ladrar, lançando em pânico e terror os habitantes, pois desde os tempos mais antigos se acreditava que, ladrando ali os animais caninos que sempre tinham sido mudos, estaria o mundo universal próximo de extinguir-se. Como se teria formado a arreigada superstição, ou convicção firme, que é, em muitos casos, a expressão alternativa paralela, ninguém hoje o recorda, embora por obra e fortuna daquele conhecido jogo de ouvir o conto e repeti-lo

MACHADO, Cinthia Maritz dos Santos Ferraz; ANDRADE, Lucimara de. A identidade cultural e a ideia de deslocamento pela perspectiva da viagem: um estudo comparado entre *Macunaima* e *A jangada de pedra*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 118-138.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 jul. 2020.

com vírgula nova, usassem distrair as avós francesas a seus netinhos com a fábula de que, naquele mesmo lugar, comuna de Cerbère, departamento dos Pirinéus Orientais, ladrara, nas gregas e mitológicas eras, um cão de três cabeças que ao dito nome de Cerbère respondia, se o chamava o barqueiro Caronte, seu tratador. (SARAMAGO, 2006, p. 7)

Após a separação, num apólogo de viagem, a ideia de país se sobrepõe à de península, ou de “ponta”, colocando então, portugueses e espanhóis como habitantes de uma mesma terra, conterrâneos. A partir de seu desprendimento e transformação em ilha/jangada, apresenta-se a questão metonímica, pois a parte se transforma no todo, em um microuniverso. Nessa perspectiva, o rompimento da Península com a Europa representa, também, o rompimento com aqueles europeus que ficaram para trás:

Porém, se há desses europeus, também há europeus destes. A raça dos inquietos, fermento do diabo, não se extingue facilmente, por mais que se afadiguem os áugures em prognósticos. Ela é a que segue com os olhos o comboio que vai passando e entristece de saudade da viagem que não fará, ela é a que não pode ver um pássaro no céu sem experimentar um apetite de alciónico voo, ela é a que, ao sumir-se um barco no horizonte, arranca da alma um suspiro trémulo, pensou a amada que foi de estarem tão próximos, só ele sabia que é de se achar tão longe. Foi portanto uma dessas inconformes e desassossegadas pessoas que pela primeira vez ousou escrever as palavras escandalosas, sinal duma perversão evidente, *Nous aussi, nous sonimes ibériques (...)* Mas a frase saltou as fronteiras, e depois de as ter saltado verificou-se que afinal já aparecera também nos outros países (...) Centenas de milhares, milhões de jovens em todo o continente saíram à mesma hora para a rua, armados não de razões mas de bastões, de correntes de bicicleta, de croques, de facas, de sovelas, de tesouras, como se tivessem enlouquecido de raiva, e também de frustração e dor antecipada, e gritavam, Nós também somos ibéricos. (SARAMAGO, 2006, p. 139-40)

Como homem político e escritor consciente do fazer literário, José Saramago constrói, de acordo com sua posição, o percurso da jangada destacando que:

O escritor, se é pessoa do seu tempo, se não ficou ancorado no passado, há-de conhecer os problemas do tempo que lhe calhou viver. E que problemas são esses hoje? Que não estamos num mundo aceitável, bem pelo contrário, vivemos num mundo que está a ir de mal a pior e que humanamente não serve. Atenção, porém: que não se confunda o que reclamo com qualquer tipo de expressão moralizante, com uma literatura que viesse dizer às pessoas como deveriam comportar-se. Estou

MACHADO, Cinthia Maritz dos Santos Ferraz; ANDRADE, Lucimara de. A identidade cultural e a ideia de deslocamento pela perspectiva da viagem: um estudo comparado entre *Macunaima* e *A jangada de pedra*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 118-138.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 jul. 2020.

a falar doutra coisa, da necessidade de conteúdos éticos sem nenhum traço de demagogia. E, condição fundamental, que não se separasse nunca da exigência de um ponto de vista crítico. (SARAMAGO, 2009, p. 18)

Nesse sentido, *A jangada de pedra* se configura para além de uma experiência utópica, pois não é uma experiência fantasiosa. Saramago visualizou, por meio de uma vivência de intrínseca relação entre literatura e sociedade, um ponto de vista político-discursivo muito bem pautado: uma proposta de união de nações solidificada por laços culturais e de identidade, e não capitais.

Desta maneira, numa reflexão pontuada sobre a União Europeia, a proposta de uma literatura de dimensão atlântica, vinculada à experiência histórica da *viagem*, se traduz num redimensionamento de mundo pela perspectiva de um sujeito viajante.

A EXPERIÊNCIA DE VIAGEM E A BUSCA DA IDENTIDADE

Falar em identidade, de maneira geral, é um exercício que tem se tornado recorrente nos estudos literários contemporâneos. Apesar de, por um lado, as obras aqui comparadas serem completamente diferentes entre si, por outro acreditamos que elas tenham pontos de contato, saberes compartilhados, e assuntos que se aproximam. O elemento “viagem”, por exemplo, e a questão da identidade deslocada apresentam-se como uma importante contingência presente nas obras em questão. Nelas, o dilema da busca reflete-se igualmente no plano do discurso, através da tensão do ressignificar a própria identidade, bem como refletindo a própria história no sentido de constituírem-se enquanto nação.

No início do século XX, os escritores e artistas brasileiros, responsáveis pela *Semana de Arte Moderna*, em 1922, período em que se situa Mário de Andrade e a obra aqui elencada, procuravam ressignificar a ideia “Nacional”, disseminada no século XIX, a partir do processo antropofágico. Não obstante, a crítica difundida pelos escritores da primeira geração moderna, pressupunha uma “certa” autonomia em relação à literatura importada dos grandes centros europeus, no sentido de que esta não se daria por uma apropriação que não passasse pelo antropofágico, ou seja, pelo abasileiramento.

Nesse ínterim, em *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924) e *Manifesto Antropófago* (1928), Oswald de Andrade propõe uma nova perspectiva sob a forma de uma arte tipicamente brasileira: “Apenas brasileiros de nossa época. (...) Tudo digerido. Sem meeting cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem ontologia” (ANDRADE, 1924, s/p.), “contra o mundo reversível e as ideias

MACHADO, Cinthia Maritz dos Santos Ferraz; ANDRADE, Lucimara de. A identidade cultural e a ideia de deslocamento pela perspectiva da viagem: um estudo comparado entre *Macunaima* e *A jangada de pedra*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 118-138.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 jul. 2020.

objetivadas. Cadaverizadas” (ANDRADE, 1928, s/p.). Sob tal perspectiva, ao mesmo tempo em que estavam imbuídos de espírito “futurista” e da necessidade de atualização de referências culturais e artísticas brasileiras, os modernistas da primeira fase se preocupavam com o resgate do passado cultural brasileiro, como também de valorização do mesmo.

A luta era, portanto, para se libertar da perifericidade e do *status* de subliteratura, “galho secundário”, a que a condição de ex-colônia colocava: fora da margem de um espaço intelectual, que tomava a literatura ocidental como parâmetro. Nesse sentido, a utilização de expressões e de referências culturais nativas, a criação de termos através de processos de amálgamas e o uso sem preconceitos da fala popular constituem a base do fenômeno de apropriação, de antropofagia e de reflexão da constituição de uma identidade cultural a ser afirmada.

Na construção de modelos literários e culturais de busca de expressão própria, a autoridade e as certezas instituídas pelo discurso hegemônico do cânone europeu são subvertidas, questionadas, desestabilizadas em *Macunaíma* para produzir um novo discurso híbrido, em consonância com o momento político, seja de luta pela identidade seja de luta pela consolidação de uma arte genuinamente nacional.

Dessa forma não é de se estranhar que:

No entanto, o recurso da viagem enquanto elemento constituidor da narrativa não é novo na literatura brasileira, sendo possível entrevermos ao menos dois usos específicos em nossa série literária que demarcam igualmente dois modos distintos de viajar e de viajantes. No primeiro modo, é possível identificar a explícita admiração pela cultura europeia que impulsiona a ida ao Velho Mundo. O outro modelo de viagem e viajantes é experimentado no modernismo, que realiza a ruptura com o modelo hierárquico e subserviente vigente até então ao propor como norte referencial da viagem e do viajante não mais a cultura e as letras do velho continente, mas sim o desejo de leitura e compreensão do próprio Brasil. Neste roteiro de viagem modernista, a Europa ainda permanece como possível destino, mas localizamos a emergência do desejo de descoberta do Brasil. A cada modelo de viagem podemos associar um viajante histórico. No primeiro, temos Joaquim Nabuco como exemplar deste olhar de encantamento para a alta cultura e, por sua vez, na experiência oposta, é possível identificarmos a figura de Mário de Andrade como representativa. (PATROCÍNIO citado em CHIARELLI; OLIVEIRA NETO, 2016, p. 67)

Segundo Mirhiane Mendes de Abreu (2011, p. 69), o conceito de viagem repousa sobre duas bases. Para a autora, “a primeira consiste em estar em

MACHADO, Cinthia Maritz dos Santos Ferraz; ANDRADE, Lucimara de. A identidade cultural e a ideia de deslocamento pela perspectiva da viagem: um estudo comparado entre *Macunaíma* e *A jangada de pedra*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 118-138.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 jul. 2020.

movimento, o périplo propriamente dito. A segunda visa ao reconhecimento do *eu* através do conhecimento do outro, o que abriga também uma identificação coletiva, inserida na ideia de nacionalidade e esta, no projeto universalista”. Nesse sentido é que percebemos que nas obras aqui analisadas o tema da viagem configura-se como processo de constituição da identidade, o que só é possível acontecer em sua relação com o embate com o outro. E é em decorrência de tal embate que o sujeito estabelece o seu caráter, o conhecimento de si.

No que diz respeito ao aspecto literário português, o dilema formativo pode ser percebido em seu caráter de diálogo e ruptura. Nessa concepção, a constituição da literatura de uma nação é concebida a partir do embate entre o dado local e os moldes provenientes da tradição europeia, ou seja, a busca da originalidade ou da especificidade se alcançaria a partir da “mirada estrábica” de que fala Piglia (1991), segundo a qual há que se ter um olho posto na inteligência europeia e o outro nas entranhas da pátria.

A partir de seu desprendimento e posterior transformação em jangada, a Península Ibérica, a partir do recurso metonímico e alegórico de José Saramago, é transformada em um microuniverso. Portanto, *A jangada de pedra* se configura enquanto uma metáfora da expectativa por um lugar onde aqueles personagens possam desfrutar da sensação de pertencimento e reconhecimento. Por isso, o deslocamento da Península sugere o surgimento de uma nova sociedade, que poderíamos caracterizar como edênica, quiçá, ideal. Na medida em que uma jornada se insere na outra, poderíamos asseverar que a Península, enquanto uma jangada de pedra no oceano, é a representação da própria vida, constituída por movimentos:

Ora reparem, nós aqui vamos andando sobre a península, a península navega sobre o mar, o mar roda com a terra a que pertence, e a terra vai rodando sobre si mesma, e, enquanto roda sobre si mesma, roda também à volta do sol, e o sol também gira sobre si mesmo, e tudo isto junto vai na direcção da tal constelação, então o que eu pergunto, se não somos o extremo menor desta cadeia de movimentos dentro de movimentos, o que eu gostaria de saber é o que é que se move dentro de nós e para onde vai, não, não me refiro a lombrigas, micróbios e bactérias, esses vivos que habitam em nós, falo doutra coisa, duma coisa que se mova e que talvez nos mova, como se movem e nos movem constelação, galáxia, sistema solar, sol, terra, mar, península, Dois Cavalos, que nome finalmente tem o que a tudo move, de uma extremidade da cadeia à outra, ou cadeia não existirá e o universo talvez seja um anel, simultaneamente tão delgado que parece que só nós, e o que em nós cabe, cabemos nele, e tão grosso que possa conter a máxima dimensão do universo que ele próprio é, que nome tem o que a seguir a nós vem, Com o homem começa o que

MACHADO, Cinthia Maritz dos Santos Ferraz; ANDRADE, Lucimara de. A identidade cultural e a ideia de deslocamento pela perspectiva da viagem: um estudo comparado entre *Macunaima* e *A jangada de pedra*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 118-138.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 jul. 2020.

não é visível, foi a resposta surpreendida de José Anaíço, que a deu sem pensar. (SARAMAGO, 2006, p. 234-5)

É representativo da temática da viagem, portanto, a questão de busca pela identidade. Ou, ainda, da busca, lembrando Macunaíma, de seu “talismã” existencial. A viagem tematizada nos dois textos em análise pode ser vista também pelo viés do deslocamento. Em *Macunaíma* e em *A jangada de pedra* há também o aspecto constitutivo dos discursos que possibilita a visualização de tensões dialéticas tais como: perder/achar; buscar/desviar; existir/inexistir...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra literária configura-se como um espaço onde é-nos permitido relacionar com outras formas do real e com outras representações culturais, além de nela conviver, coexistir ou habitar diversos elementos de diversos outros campos, como literatura, política e sociedade, por exemplo.

Mediante o exposto, cumpre lembrarmos que aquele que se aventura em analisar o texto literário deve ser entendido não mais como o responsável por fazer emergir o significado “oculto” da obra, mas como alguém que pode agir como intermediário entre o texto e os demais leitores.

Nesse sentido, cabe a quem analisa ou interpreta o texto discutir as questões suscitadas pela obra de modo a conduzir o leitor para o repensar do nosso próprio senso comum e os dos nossos pressupostos sobre o “real”, que dependem de como este “real” é descrito e de como ele é colocado em discurso. Ao problematizar, por meio da alegoria e do romance, o autor reacende, na contemporaneidade, o debate acerca dos estatutos crítico e criativo da palavra literária.

Ao definirmos e delimitarmos nosso *corpus* de abordagem comparatista, ou seja, as obras *A jangada de pedra*, de José Saramago, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, elegemos a categoria de análise experiência da viagem e seus desdobramentos deslocamento e identidade nacional e cultural porque ambos os textos promovem rupturas e continuidades com o passado histórico.

“Em todos os tempos, o texto literário surgiu relacionado com outros textos anteriores ou contemporâneos, a literatura sempre nasceu da e na literatura”, como observa Perrone-Moisés (1978, p. 59). Logo, quando pensamos no processo de construção dos romances em questão, precisamos ter claro que a orientação do estudo da perspectiva da viagem presente nas duas obras deve passar pela ideia de que a palavra literária “não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento

de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário, do contexto cultural atual ou anterior” (KRISTEVA, 1974, p. 62).

Tanto o texto de Andrade quanto o de Saramago embarcam em um projeto de nacionalização e afirmação/constituição identitária próprio. É curioso notar que as relações de desejo (in)dependência se renovam e se reconfiguram entre ex-colônia e ex-império em nosso estudo comparado, em termos literários. Ao passo em que a literatura brasileira anseia por desvencilhar-se completamente dos resquícios da colônia europeia, a literatura portuguesa, que antes ocupara o papel de “colonizadora” em solo brasileiro também almeja sair do lugar de subordinada. As motivações políticas e sociais invertem-se e (re)inscrevem-se, tensionando as formas do fazer literário.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Os sistemas literários nacionais, o cânone literário e a crítica hoje. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim et al. (Orgs). *Disciplina, cânone: continuidades e rupturas*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

ABREU, Mirhiane Mendes de. Sensações e deslocamentos – a viagem em Toda a América. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 2, p. 69-77, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/9509/6587>. Acesso em: 3 jan. 2020.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, Mário. *O movimento modernista*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1942.

_____. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1987.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. *Revista de Antropologia*, anno I, n. I, p. 3 e 7, maio 1928.

_____. Pau-Brasil. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1990.

ANDERSON, Benedict R. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

BAUMAN, Z. *A cultura no mundo líquido moderno*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MACHADO, Cinthia Maritz dos Santos Ferraz; ANDRADE, Lucimara de. A identidade cultural e a ideia de deslocamento pela perspectiva da viagem: um estudo comparado entre *Macunaíma* e *A jangada de pedra*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 118-138. Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 11 jul. 2020.

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BERRINI, Beatriz. *Ler Saramago – O Romance*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1998.
- BOSI, Alfredo. O Movimento Modernista de Mário de Andrade. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 9, n. 7, p. 296-301, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/25426/27171>. Acesso em: 3 jan. 2020.
- BOTELHO, Samira Daura. *História, memória e ficção nos espaços fantásticos de A jangada de pedra: uma (a)ventura ibérica*. 2012. 110f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG, 2012.
- BRANDÃO, Luis Alberto. *Grafias da identidade: literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro: Lamparina editora; Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- _____. O poeta itinerante. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- CARVALHAL, Tania Franco (coord.). *Culturas, Contextos e Discursos – Limiares Críticos no Comparatismo*. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade, 1999.
- _____. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2006.
- CHIARELLI, Stefania, OLIVEIRA NETO, Godofredo (orgs). *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- COUTINHO, Eduardo. Literatura Comparada, Literaturas nacionais e o Questionamento do cânone. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro, ABRALIC, 1996, n. 3. v. 1, p. 67-73.
- _____. Literatura comparada: reflexões sobre uma disciplina acadêmica. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 8, 2000, p. 41-58.
- COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada – Textos Fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2010.
- MACHADO, Cinthia Maritz dos Santos Ferraz; ANDRADE, Lucimara de. A identidade cultural e a ideia de deslocamento pela perspectiva da viagem: um estudo comparado entre *Macunaíma* e *A jangada de pedra*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 118-138.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 11 jul. 2020.

_____. Significação, representação, ideologia: Althusser e os debates pós-estruturalistas. In: HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades: e mediações culturais*. Liv. Sovic (org.). Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003. p. 160-198

KRISTEVA, Julia. A palavra, o diálogo e o romance. In: KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 61-90.

_____. Tocata e fuga para o estrangeiro. In: KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 9-46.

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGUEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à Teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Do monstro interplanetário Gyodai à tradição da poesia tanka, Tóquio vista pelo olhar estrangeiro de João Paulo Cuenca: uma leitura da coleção *Amores expressos*. In: CHIARELLI, Stefania; OLIVEIRA NETO, Godofredo (orgs). *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. p. 64-80.

PIGLIA, Ricardo. *Memória e tradição*. In: Anais do 2º Congresso ABRALIC. Belo Horizonte, UFMG, 1991, v. 1, pp. 60-66. [Original espanhol. Texto digitado com tradução para o português de Adelaine LaGuardia Resende.]

REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

SANTIAGO, Silviano. A trajetória de um livro. In: *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica. 2ª ed. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 5ª ed., revisada e aumentada. Porto: Porto Editora Ltda; Lisboa: Empresa Lit. Fluminense Ltda, 1969.

SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Do sujeito sobre si mesmo*. 2009. Disponível em: <http://caderno.josesaramago.org/2009/07/07/do-sujeito-sobre-si-mesmo/>. Acesso em: 07 jul. 2019.

SEIXO, Maria Alzira. *Poéticas da viagem na literatura*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

TUFANO, Douglas. *Estudos de literatura brasileira*. São Paulo: Editora Moderna, 1983.

MACHADO, Cinthia Maritz dos Santos Ferraz; ANDRADE, Lucimara de. A identidade cultural e a ideia de deslocamento pela perspectiva da viagem: um estudo comparado entre *Macunaíma* e *A jangada de pedra*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 1 (2020), p. 118-138.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 11 jul. 2020.

CINTHIA MARITZ DOS SANTOS FERRAZ MACHADO é Licenciada em Letras (2009), Mestre em Letras - Literatura, Cultura e Sociedade (2013) pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Doutora em Estudos Literários (2018) pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente ministra aulas para o Ensino Médio e é revisora de textos acadêmicos. Dentre suas publicações estão o artigo "A Arca da Aliança, de Carlos Nejar: uma intersecção entre Teologia e Literatura na poesia brasileira contemporânea" (I Simpósio Internacional de Literatura, Cultura e Sociedade, 2011) e "Vertentes da escrita de si em Mais ao Sul de Paloma Vidal" (*Revista Raído*, 2020).

LUCIMARA DE ANDRADE é licenciada em Letras (2008), Mestre em Teoria literária e Crítica da Cultura (2011) pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (2017) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é assessora científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e professora colaboradora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Dentre suas publicações estão o artigo "O recreio de Ariano Suassuna" (V Congresso Internacional sobre Metáfora na Linguagem e no Pensamento, 2015) e "Ciborgues da 7ª arte: processos de atuação na contemporaneidade" (*Todas as Musas: Revista de Literatura e das Múltiplas Linguagens da Arte* (2019).